



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

PALOMA BRUNA SILVA

**O QUE O SILENCIAMENTO NÃO PODE APAGAR AS LEMBRANÇAS NOS
FAZ RECORDAR: RELAÇÕES DE SUBMISSÃO E PODER NO ROMANCE O
*CONTO DA AIA***

**GUARABIRA
2019**

PALOMA BRUNA SILVA

**O QUE O SILENCIAMENTO NÃO PODE APAGAR AS LEMBRANÇAS NOS
FAZ RECORDAR: RELAÇÕES DE SUBMISSÃO E PODER NO ROMANCE O
CONTO DA AIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em Letras Inglês,
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em
Letras em Inglês.

Área de concentração: Formação
Docente

Orientador: Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586q Silva, Paloma Bruna.

O que o silenciamento não pode apagar as lembranças nos faz recordar [manuscrito] : relações de submissão e poder no romance O conto da Aia / Paloma Bruna Silva. - 2019.

37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes , Departamento de Letras - CH."

1. Submissão. 2. Poder. 3. Subalternidade. 4. Memória. 5. O Conto da Aia. I. Título

21. ed. CDD 801.959

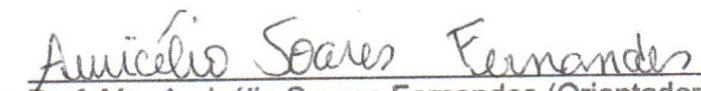
PALOMA BRUNA SILVA

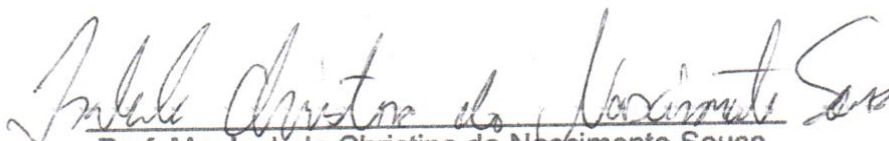
**O QUE O SILENCIAMENTO NÃO PODE APAGAR AS LEMBRANÇAS NOS
FAZ RECORDAR: RELAÇÕES DE SUBMISSÃO E PODER NO ROMANCE O
CONTO DA AIA**

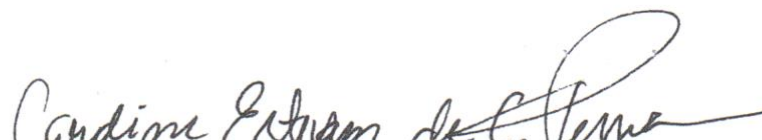
Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em Letras Inglês,
da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em
Letras em Inglês.

Aprovada em: 07/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Isabela Christina do Nascimento Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Caroline Estevam de Carvalho Pessoa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me conduzido até aqui, me dando saúde e força para superar as dificuldades.

A Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de fazer o curso.

Ao meu orientador Auricélio Soares Fernandes, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

A Caroline por me auxiliar no destrinchar deste trabalho, com suas ideias, paciência e carinho.

Minha eterna gratidão aos meus pais Maria Denise e Paulo Rafael pelo amor incondicional, pelo apoio e incentivo de todos os dias, que apesar das dificuldades me fortaleceram, nada disso seria possível sem o apoio de vocês.

Ao meu irmão Pietro Rafael, que através da sua inocência me ensina a viver de maneira mais presente o presente, mesmo com a correria que é está no ensino superior. Você é um dos motivos mais lindos da minha felicidade.

A minha amiga, irmã e companheira de todos os dias desta jornada de cinco anos, Natália Talissa, meus mais sinceros agradecimentos por todo carinho, pela parceria e amizade linda que consolidamos obrigada pela fidelidade, pelo incentivo e empenho.

Ao meu amado noivo Leonardo Mateus, que me apoiou na construção deste trabalho com sua compreensão, pelas inúmeras vezes que não pude ser presente devido os estudos, obrigada pela dedicação, amor e carinho.

A minha turma 2014.2 por terem dividido esses anos acadêmicos comigo, vocês todos são especiais.

Ao meu colega de turma Giovane Alves, por ter me auxiliado na construção do projeto deste artigo, meu muito obrigado.

A Alexandre por ter disponibilizado um pouco do seu tempo para a leitura e observação deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, essa conquista é de todos vocês.

OBRIGADA!

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo discutir como o ser masculino exerce sua autoridade sobre as mulheres no romance distópico *O conto da Aia*, da autora canadense Margareth Atwood (2017), publicado originalmente em 1985. Nessa narrativa distópica, observaremos a opressão sofrida pelas mulheres e a situação do totalitarismo praticado pelos homens a frente do governo de Gilead. Nesse ponto, apresentaremos as principais características referentes ao comportamento das personagens femininas e as correlações entre as teorias de poder, opressão e subalternidade, assim como quais influências sociais que elas sofrem dentro desta nova realidade que as leva de volta a um passado extremista. Para tal, nos apoiaremos teórica e criticamente em estudos de Michel Foucault (1987), Pierre Bordieu (1989), Gayatri Spivak (2010) entre outros que discutem questões sobre poder, dominação e subalternidade. Ainda, levantaremos alguns apontamentos sobre a memória na narrativa de Benjamin (1987), uma vez que essa questão se faz relevante para compreendermos melhor as lembranças do narrador nesse romance.

Palavras-chave: Submissão. Poder. Subalternidade. Memória. *O Conto da Aia*.

ABSTRACT

This work has as main objective to discuss how the masculine individual exerts his authority on the women in the dystopic novel *The handmaid's tale*, by the Canadian author Margareth Atwood (2017), originally published in 1985. In this dystopic narrative we will observe the women's oppression and the situation of totalitarianism practiced by the men who rule the government of Gilead. At this point, we will present the main characteristics related to the behavior of the women characters and the relations among the theories on power, oppression and subalternity, as well as what social influences they suffer from within this new reality that takes them back to an extremist past. To that, we will be theoretically and critically supported by studies of Michel Foucault (1987), Pierre Bourdieu (1989), Gayatri Spivak (2010) among others who discuss questions on power, domination and subalternity. Still, we will raise some notes about memory in the narrative Benjamin (1987), since this question becomes relevant to understand better the narrator's memories in this novel.

Palavras-chave: Submission. Power. Subalternity. Memory. *The handmaid's tale*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 SOBRE OS DIREITOS DAS MULHERES: APONTAMENTOS INICIAIS	9
3 O CONTO DA AIA: ENTRE UM PASSADO E UM FUTURO NÃO TÃO DISTANTE	13
4 APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O CONTO DA AIA	17
4.1. As personagens femininas no romance de Atwood: Offred e Serena Joy	21
5 REPRESENTAÇÕES DO PODER E DA SUBMISSÃO FEMININA NO CONTO DA AIA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva discutir o poder totalitário, despótico e opressor que o ser masculino exerce sobre o ser feminino no romance distópico *O conto da Aia*, da autora canadense Margareth Atwood (2017). Para tal, nos apoiaremos teórica e criticamente em estudos de Michel Foucault (1987), e de Pierre Bordieu (1989), entre outros que discutem a questão do poder, a subalternidade e a memória.

Como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, utilizamos as concepções metodológicas acerca dos tipos de pesquisas do livro *Metodologia da Pesquisa: um guia prático*, de Kauark, Manhães e Medeiros (2010), explorando as teorias e analisando-as em algumas áreas do romance *O Conto da Aia*.

Decidi trabalhar com este tema (e romance) depois de uma aula de Literatura Comparada ministrada pelo professor orientador Me. Auricélio Soares, quando o mesmo me apresentou o romance *O Conto da Aia* e fez uma breve comparação com um capítulo da série da primeira temporada. A partir daí, tive certeza de que esta seria a obra na qual eu analisaria no meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), pois, apesar de *O conto da Aia* ser uma distopia que nos leva a uma viagem ao passado, é um romance que nos faz analisar o presente, principalmente no viés político atual que estamos vivenciando em alguns países, fazendo-nos pensar também num possível futuro não tão positivo no tocante aos direitos (das mulheres), a imposição de um estado laico e do totalitarismo.

Este trabalho divide-se em 5 partes, a introdução e mais 4 capítulos. No capítulo 2 fizemos uma breve contextualização acerca dos direitos das mulheres, força motriz do romance de Atwood. Nesse contexto, cabe apontar as considerações da filósofa inglesa Mary Wollstonecraft (2015).

No tópico 3 temos a conexão com o nosso objeto de estudo ao adicionar também discussões de textos teóricos e críticos que abordam apontamentos sobre a memória, através da teoria de Walter Benjamin (1987), analisando-a na personagem Offred, pois ela tem como único meio de apresentar suas condições e emoções através das lembranças no decorrer da narrativa por intermédio de suas memórias e pensamentos.

No capítulo 4 fizemos apontamentos do romance trazendo explicações sobre o mesmo. Ligado ao capítulo 4 temos o subtópico 4.1, onde analisaremos as personagens; nesse contexto, nos detemos na escolha de duas personagens femininas no romance: Offred e a Esposa do Comandante (Serena Joy). Embora na narrativa de Margareth Atwood sejam representadas como antagônicas, principalmente devido à posição social que ocupam dentro do plano diegético, são menosprezadas diante do patriarcado de Gilead.

Para finalizar temos o capítulo 5 onde abordamos o poder que o homem exerce sobre a mulher, expondo a maneira como o governo totalitário dita e pune mediante as leis que aplicam às mulheres, que normalmente são as que mais sofrem com a submissão e a violência do efeito deste totalitarismo. Nesse ponto, apresentaremos as principais características referentes ao comportamento das personagens e as correlações entre as teorias de poder mencionadas, assim como também, quais influências sociais que as personagens sofrem, principalmente dentro desta nova realidade que as leva de volta a um passado extremista.

Para a análise de poder das performances das personagens, utilizamos o livro *Vigiar e punir*, de Michel Foucault (1987), que apresentará a maneira de como o governo tratava os violadores da lei. Utilizaremos também as teorias de Bordieu (1989), e o manifesto *Reivindicações dos direitos das mulheres*, publicado no ano de 1792 que trata da trajetória e reivindicações sociais e políticas das mulheres ao longo do tempo. Além disso, nos apoiaremos em *História da sexualidade volume 2*, de Michel Foucault (1998) que aborda as formas de como o ser masculino tende a querer manter a estética moral na sociedade, problemática esta que também será analisada no romance de Margaret Atwood.

2 SOBRE OS DIREITOS DAS MULHERES: APONTAMENTOS INICIAIS

O poder totalitário e opressor que os homens exerciam e ainda exercem sobre as mulheres foi durante muito tempo imposto como justificativa de superioridade do gênero masculino sobre o chamado “sexo frágil” das mulheres. A submissão feminina sempre esteve presente no meio social, privando as mulheres de ganharem o seu espaço, um espaço que, apesar de ser continuamente dominado pelos homens, é pertencente tanto ao sujeito feminino quanto ao masculino.

Mas a luta feminina contra o controle do sexo oposto tem ganhado força no decorrer dos séculos; hoje conseguimos ter maior liberdade em consequência de muitas lutas que foram travadas outrora por diversas mulheres que batalharam em prol de seus direitos. *Uma reivindicação dos direitos das mulheres* (2015) de Mary Wollstonecraft aborda essa questão e é considerado como um dos primeiros textos “feministas” que abordam os direitos das mulheres. No fim do século XVIII a filósofa Mary Wollstonecraft (2015) escreve esse manifesto que reivindica o direito da mulher praticar a sua intelectualidade, não se submetendo que outro ser pense e aja em seu lugar:

Contudo, Rousseau e a maioria dos escritores masculinos que seguiram seus passos, calorosamente inculcaram que toda a tendência da educação feminina deve ser direcionada para um ponto: torná-las agradáveis. [...] Para os afetos de um homem virtuoso, o fingimento é necessário? A natureza deu a mulher uma estrutura física mais fraca que a do homem; [...] A fraqueza pode estimular a ternura, e gratificar o orgulho arrogante do homem, mas os afagos insolentes de um protetor não gratificarão uma mente nobre que pede e deseja ser respeitada. [...] Além disso, a mulher que fortalece seu corpo e exercita sua mente irá, ao administrar sua família e praticar várias virtudes, tornar-se uma amiga, e não a dependente humilde de seu marido (WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 52 e 54).

Na citação de Wollstonecraft notamos que ela defende as várias virtudes de uma mulher, pois a mesma pode ser intelectual e desempenhar várias funções ocupando o espaço que ela quiser, não precisando ser dependente e “frágil” a ponto de precisar que um homem seja seu “protetor”, um protetor que normalmente a subestima e não a respeita como mulher.

Essa luta por direitos iguais também teve o seu espaço na literatura inglesa, como por exemplo, na obra da contemporânea de Mary Wollstonecraft, Jane Austen em *Orgulho e Preconceito*, romance no qual a sua protagonista, Elizabeth Bennet trata de maneira ousada e revolucionária questões relacionadas a casamento, educação e moral, desafiando, assim, a sociedade patriarcal do século XIX. No século XX, outra obra literária também apresenta questões pertinentes sobre a representação da mulher e como esta lida com a perda dos seus direitos. *O conto da aia*, publicado em 1985, pela autora canadense Margareth Atwood, também retrata a luta pela liberdade das mulheres num futuro em que uma sociedade patriarcal impõe o poder.

O Conto da Aia é narrado através da memória da personagem Offred que vive em Gilead, onde as ordens vindas do governo são impostas à população que é liderada de acordo com citações da *Bíblia*. Este regime dita regras e punições para uma sociedade que está devastada pela radiação e pelos efeitos de uma guerra em andamento. A população feminina foi a camada da sociedade que mais sentiu estas mudanças, percebemos que as que mais sofrem diante destas ordens são as mulheres férteis, pois grande maioria do público feminino deste local se encontra infértil devido às radiações. Deste modo, as mulheres que podem gerar filhos são confiscadas por homens do governo para procriarem e, assim, povoar a República de Gilead, sendo separadas de seus familiares e vivendo exclusivamente em função do governo. Estas têm seus direitos aniquilados e passam a não possuir liberdade, sendo a todo o momento fiscalizadas pelos Olhos¹, para que assim obedeçam todas às ordens.

Esse romance de Atwood tem ganhado notoriedade e espaço nas mídias, como exemplo, na adaptação do romance *O conto da Aia* para o cinema, o teatro, a ópera e, desde 2017, para uma aclamada série de televisão que ganhou diversos prêmios “Emmy” (o maior prêmio para a televisão americana).

O conto da Aia é um romance impactante que leva o leitor a analisar uma distopia sob o poder de um governo tirano que, de maneira persuasiva e rigorosa, vai diminuindo os direitos da população, principalmente a feminina.

¹ Homens que trabalham para o governo de Gilead de maneira infiltrada na sociedade, com a função de vigiar os habitantes, em especial, as Aias.

Por estas questões, decidimos pesquisar mais sobre este poder opressor que os homens comumente exercem sobre as mulheres na ficção, uma vez que continuamos a lidar com esta situação atualmente. Decidimos analisar esse romance porque a realidade apresentada na obra condiz com a condição de muitas mulheres ao redor do globo, devido à onda de conservadorismo que ronda a atualidade.

Na história da humanidade, a forma de governar não viabilizava a voz da população; o governo era absoluto em suas decisões expondo um regime antidemocrático. As mulheres, por sua vez, foram um dos lados mais afetados nessas decisões devido à maneira de como eram vistas pela sociedade. Considerada o sexo frágil, a mulher deveria apenas cuidar do marido, da casa e dos filhos; não lhes era dada a permissão de opinar e nem de participar de questões políticas, assim como para a maioria delas estudar era praticamente impossível. A mulher era um ser submisso, tanto ao marido como ao governo, o que dificultava ainda mais a conquista de sua liberdade.

Entretanto, muitas delas não desistiram de lutar pela sua autonomia, antes, batalharam (essas lutas começaram a se destacar em meados do século XIX) pelos seus ideais motivando cada vez mais umas as outras. A trajetória dessa luta foi árdua e muitas mulheres enfrentaram estorvos e diversas formas autoritárias foram utilizadas para mantê-las silenciadas dentro do seu lar. Submetendo-se ao seu pai, irmãos e marido, como também pelo governo através das leis que as impendiam de ter autonomia, a população feminina teria que enfrentar a todos para conseguir a independência que tanto sonhava.

As mulheres então começaram a questionar o governo que as cercava. O governo, por sua vez, não permitiu essa afronta e logo começou a utilizar de seus meios desumanos para deter as “rebeldes”. Temos como exemplo, o Sufrágio, que foi uma luta que se iniciou no começo do século XX na Inglaterra, quando as mulheres iniciaram reivindicações por seus direitos sociais, inclusive o direito de exercer o voto. Durante esta luta elas foram ameaçadas, presas e torturadas, mas não desistiram. O filme *As sufragistas* (2015), dirigido por Sarah Gavrom, retrata como foi essa luta. O poder que o governo exercia sobre a população nos séculos XVIII e XIX era soberano, assim, a sociedade em sua

grande maioria apoiava as decisões vindas do governo, mesmo que essas decisões fossem as de torturar até a morte.

Era uma espécie de espetáculo a céu aberto, onde o medo impedia muitas mulheres de agir contra quem lhes era superior. Podemos também citar outro exemplo como o caso das bruxas de *Salém*, em que vinte mulheres foram condenadas e mortas sem provas de serem “bruxas”. Até hoje esse evento é um dos casos mais abomináveis quando se trata de gênero e religião. Pode-se observar na declaração a seguir de Foucault, em *Vigiar e Punir*, que havia severos castigos para aqueles que eram punidos pelas leis vigentes:

[Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas, e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento (FOUCAULT, 1987, p. 8).

Portanto, podemos analisar através da ótica do teórico francês que o governo opressor age de maneira brutal para com aqueles a quem o viesse infligir alguma de suas leis. Eram utilizados meios e atitudes violentas e desumanas, o governo queria punir como maneira de mostrar “um exemplo” para que outros não viessem nem sequer pensar em fazer algo que fosse contra a vontade do governo, pois eles queriam manter todos sob suas vontades, o povo não podia e nem deviam ter “voz” eles deveriam aceitar as ordens que vinham de “cima”.

3 O CONTO DA AIA: ENTRE UM PASSADO E UM FUTURO NÃO TÃO DISTANTE

A tese *Sobre conceito de história*, de Walter Benjamin (1987) é de extrema importância para que possamos compreender melhor o romance de Margareth Atwood, pois nesse texto Benjamin levanta importantes considerações sobre o conceito de passado e memória, concentrando as ideias entre passado e presente. Sobre isso, o autor acrescenta que:

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele a redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente (BENJAMIN, 1987, p. 223).

Aqui Walter Benjamin nos esclarece sobre a principal função dada ao materialismo histórico: que é a de analisar e defender os que no passado sofreram opressões e que foram submissos a outros homens. É um estudo no qual ele defende o compromisso das gerações futuras para com as do passado, com o propósito de redimi-las.

Através dessas considerações podemos analisar o romance *O conto da Aia* como uma espécie de rememoração da personagem. Walter Benjamin (1987) defende que as pessoas oprimidas em um passado difícil, assim como a personagem Offred, se agarra às lembranças, como maneira de fuga do seu presente, que neste momento é onde se encontra o seu tormento, como vemos logo no início do romance:

Nós dormimos no que antes havia sido o ginásio esportivo. [...] Bailes teriam sido realizados ali, a música permanecia, um palimpsesto de sons jamais ouvidos, um estilo seguindo-se ao outro, uma cadência de tambores, um lamento desamparado, guirlandas feitas de flores de papel de seda, máscaras de cartolina, uma esfera giratória coberta de espelhos, salpicando os dançarinos com uma neve de luz (ATWOOD, 2017, p. 11).

Nesta citação Offred descreve o ginásio no qual está é lá que as aias participavam dos treinamentos antes de irem para a casa dos Comandantes. Offred narra os seus melhores momentos, estes se consolidaram no passado e que se diferem muito da realidade a qual ela está inserida, não só ela, mas todas as mulheres em Gilead.

Benjamin (1987) também discorre acerca da memória, elemento interligado ao passado. O processo de memória varia muito de cada indivíduo; a maneira como cada um armazena ou prioriza o que está vivendo será fator decisivo para que ele memorize, guarde e narre as suas memórias posteriormente. A comunicação dessas memórias é o que produz a “história”, pois é delas que temos uma versão dos fatos. Assim, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 198), dessa maneira, a experiência de Offred só passa a valer como narrativa depois que seus relatos são achados na escavação arqueológica. Além disso, as experiências despertadas através da memória são essenciais para a narração, e “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Em *O conto da aia*, temos acesso à história através do ponto de vista da personagem Offred, que nos conta os acontecimentos em Gilead através de memórias e pensamentos, como um tipo de conversa consigo. A personagem conta a sua história para si como maneira de escape, pois em Gilead não é possível que uma aia dialogue com outra pessoa. Offred a todo o momento tem *flashbacks*²: ela volta ao passado como maneira de amenizar as dores do presente. O passado de Offred traz conforto para si, pois nele havia liberdade, família, vozes, nomes, direitos de pensar, ir e voltar, coisas que hoje, no tempo do romance, em Gilead pareciam nunca terem existido.

Houve uma época em que eu tive um jardim. Posso lembrar do cheiro da terra revolvida, das formas roliças dos bulbos seguros nas mãos, plenitude, do farfalhar seco das sementes por entre os dedos (ATWOOD, 2017, p. 21).

² É a volta do pensamento ao passado, eventos acontecidos anteriormente.

As memórias de Offred servem para ela tentar se distanciar ao máximo da realidade, e por mais que isso fosse improvável, funcionava. Essa personagem consegue criar forças para resistir às situações que vem enfrentando e não só resistir, mas lutar como forma de não sucumbir. Nesse contexto, Janaína Amado (1995, p. 132) aponta que:

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro (apud EWALD, 2008, p. 6).

As memórias nos fazem entender o nosso presente e farão imaginar assim, o nosso futuro. E é a partir delas que obtemos as explicações de algumas ações que acompanhamos ao longo da trama. Offred consegue ter atitudes ponderadas devido ao seu passado e tudo o que ela construiu nele, pensar na sua filha é o que a mantém viva, “vivendo um tempo de devastação e desesperança, direcionando seu olhar e suas esperanças para o passado e incorrendo no risco de idealizá-lo” (EWALD, 2008, p. 1), já que em Gilead uma aia não pode fazer planos para o futuro.

Em tom melancólico e indagando sobre a sua importância como um ser, Offred, segue expondo suas memórias:

Fico deitada, acariciada pela água, ao lado de uma gaveta aberta que não existe, e penso numa menina que não morreu quando tinha cinco anos; que ainda existe, espero, porém não para mim. Será que existo para ela? Serei um retrato em algum lugar, no escuro do fundo de sua mente? (ATWOOD, 2017, p. 79)

Na citação acima temos acesso aos pensamentos de Offred com relação à sua filha que foi “arrancada” de seus braços quando ela foi sequestrada para servir como aia em Gilead. Offred está fazendo perguntas para si acerca de sua vivência, pois acredita que ela esteja viva, porém Offred sofre ao pensar que sua filha pode não ter mais lembranças dela, pensando em não existir mais como mãe. E assim Offred relata-nos seus pensamentos e temos acesso às suas lembranças e o seu presente, se apegando as coisas que passou, pois as

suas memórias do passado foram as únicas coisas que não lhe foram arrancadas.

4 APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O CONTO DA AIA

No romance *O conto da Aia* o governo de Gilead age como os governos ditadores: as mulheres perdem a sua liberdade, profissões e famílias. Elas não podem ler, escrever e trabalhar, apenas servir ao governo e, para isso, são sujeitas a momentos torturantes como, por exemplo, os estupros ritualizados, chamados de Cerimônia. As servas (ou Aias) são utilizadas para reproduzir, já que os efeitos de uma guerra em curso deixaram grande parte das mulheres de Gilead inférteis, portanto, as mulheres férteis, agora, são propriedades do governo. Não há liberdade para as aias que são a todo o momento, vigiadas pelos Guardiões³ e também pelos Olhos:

- Bendito seja o fruto – diz ela pra mim, a expressão de cumprimento considerada correta entre nós.

- Que possa o Senhor abrir – respondo, a resposta também correta. Viramo-nos e caminhamos juntas passando pelas grandes casas, em direção à parte central da cidade. Não temos permissão para ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a idéia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável (ATWOOD, 2017, p. 29).

Posto isto, notamos que as aias são, a todo o momento, monitoradas pelo governo e não tendo o domínio do seu próprio corpo e nem de sua fala, elas passam por um treinamento num local chamado Centro Vermelho onde aprendem como e o que devem falar diante das situações que a partir de agora seriam obrigadas a viver. Uma aia serve para monitorar a outra, durante as caminhadas que fazem até o mercado, único lugar que as aias podiam ir. Elas vivem em todo o tempo sob pressão, tendo que lidar com suas memórias, e agora, com a situação caótica na qual se encontram. Evidentemente quem não obedecesse às ordens dos superiores de Gilead, sofreria consequências

³ Os Guardiões eram soldados que andavam mascarados realizando a segurança das ruas de Gilead, à eles era delegada a função de executar.

brutais como punição pelos atos “pecaminosos” que porventura viessem a cometer.

As punições são todas ditadas de acordo com uma interpretação extremista dos preceitos bíblicos, realizados para servir de exemplo para as demais:

Elas a levaram para a sala que costumava ser o laboratório de ciências. Era uma sala onde nenhuma de nós entrava voluntariamente. Depois ela ficou sem poder andar durante uma semana, seus pés não entravam nos sapatos, estavam inchados demais. Eram nos pés que batiam, em caso de primeira ofensa. Usavam cabos de fios de aço, com as pontas destorcidas. Depois disso eram as mãos. Elas não se importavam com o que fizessem com os seus pés e mãos, mesmo se fosse permanente. Lembre-se, dizia Tia Lydia. Para nossos objetivos seus pés e suas mãos não são essenciais. (ATWOOD, 2017, p. 112)

Para o governo, as aias servem apenas para uma determinada função, a de gerar filhos para os casais da alta sociedade, como por exemplo, para os Comandantes e suas Esposas. As punições são permitidas desde que não firam os preceitos úteis para a reprodução. Assim, as aias são retratadas como objetos, e nem mesmo seus nomes reais podem mais utilizar. Quando são capturadas e integradas a Gilead, passam a ser chamadas de acordo com nome do Comandante da casa, na qual estão inseridas. Esta perda do nome, de fato, já representa uma perda da individualidade, como no caso de Offred (de Fred), que estava na casa do Comandante Fred, portanto, era considerada uma serva que pertencia a ele. Não somente as aias, mas, todas as mulheres em Gilead são retratadas como meros produtos do poder masculino. A diferença é que cada uma tem a sua função, elas são estabelecidas pelos homens que estão no comando.

Assim como as Aias estavam submissas às ordens vindas dos homens que estavam no poder, sendo expostas a todo o tipo de constrangimento, as Esposas dos Comandantes também tinham seu martírio. Como na maioria do caso das mulheres do romance, a Esposa do Comandante Fred, Serena Joy, era uma mulher que no seu passado foi ativa intelectualmente, mas, que agora conta com uma realidade adversa ao que viveu, submetendo-se ao marido, não

podendo ler e escrever, assim como as demais, tendo que lidar com o tempo ocioso que agora parece ser infundável, tendo que preenchê-lo cuidando do jardim e tricotando. As Esposas tinham que participar da Cerimônia, o que as trazia grande sofrimento. Como podemos observar na seguinte citação:

Serena Joy solta minhas mãos.

- Você pode se levantar agora – diz ela. - Levante-se e saia daqui.

- Ela deveria me fazer descansar por dez minutos, com os pés apoiados num travesseiro para melhorar as chances. Este deveria ser um momento de meditação silenciosa para ela, mas não está com estado de espírito para isso. Há repugnância em sua voz, como se o toque de minha carne lhe desse náuseas e a contaminasse. Eu me desenredo do corpo dela, me levanto; o esperma do comandante escorre pelas minhas pernas abaixo. Antes de me virar para ir, vejo-a endireitar a saia azul, cerrar as pernas bem juntas; ela continua deitada na cama olhando para o alto, para o dossel acima dela, dura, rígida e empertigada como uma efígie.

Para qual de nós duas é pior, para ela ou para mim? (ATWOOD, 2017, p. 116 e 117).

É notória a infelicidade da esposa em participar de algo tão atípico e tão incomum até então, sendo, portanto implantado no governo de Gilead como algo normal e até mesmo necessário para a continuação daquela população. As Esposas não podiam decidir se queriam ou não participar daquele momento, era algo que tanto para elas quanto para as aias era imposto. Em tempos anteriores ao que é narrado no romance de Atwood, a visão de que o marido trairia sua esposa era algo antimoral, contudo na sociedade de Gilead essa problemática ganhou outra perspectiva, a de que ela seria aceita, nem que para isso os governantes utilizassem a *Bíblia* para persuadir e convencer a população de que tudo o que eles viessem a praticar era algo moralmente aceitável, eles tinham essa preocupação moral, nem que para isso ela estivesse mascarada. Nietzsche comenta em seu livro *A Genealogia da Moral* (1887), “que não há nada que seja bom em si mesmo e que o conceito de ‘bom’ se dá por aqueles que, através de uma prática, consideraram

determinada ação como boa”⁴, ou seja, o “bom”, ou como podemos nomear de “boa moral” foi totalmente modificada de acordo com um novo conceito que foi implantado na nova política de Gilead.

Sendo assim, notamos o quanto o ser feminino sofria de muitas atrocidades do ser masculino, sendo seres submissos a eles por medo das punições que receberiam, caso não fizessem aquilo que eles ordenavam, assim elas sofriam tanto por parte do governo como em seus casamentos. No livro *História da sexualidade 2*, Michel Foucault (1998) indaga a respeito de como se deu o início e quais as motivações das práticas sexuais, ele em resposta de uma delas deixa claro que desde muito tempo que os homens levam a questão da moral como algo indispensável como podemos observar no trecho a seguir:

[...] Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998, p. 14).

Posto isto, observamos que o homem, se preocupou ao longo dos anos em cuidar da sua ética moral, mesmo que ele não vivesse isso de fato, e para isso, colocou o ser feminino como algo irrelevante na sociedade, mantendo-se assim, o ser dominante.

Por isso, ao analisarmos o romance, notamos esta marginalização do ser feminino, como sendo um ser não pensante e insignificante para o meio social, onde é considerado alguém manipulável, as mulheres se tornam submissas, assim como eram as mulheres dos tempos *Bíblicos*, porém os homens só liam aquilo que lhes eram favoráveis como também o que estava favorável ao seu plano governamental. Nos dias atuais enfrentamos momentos onde toda a autonomia já conquistada pelo ser feminino está sendo ameaçada, mais uma vez por homens que estão no poder, assim como observamos o quanto o feminicídio tem crescido na sociedade contemporânea, o que desperta na população e nas mulheres, em especial, maior inquietação em

⁴ Retirado de um artigo em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-genealogia-moral-nietzsche.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

continuar esta luta que está apenas em seu curso, estamos ainda trilhando-a, há muito que percorrer.

4.1. As personagens femininas no romance de Atwood: Offred e Serena Joy

Em *A personagem*, Beth Brait (1985) nos mostra como os personagens da ficção desempenham um papel importante que é passar para o leitor a visão e o desejo que o autor quer transmitir sobre um determinado assunto, seja este algo pessoal do autor ou algo que o autor deseja analisar em uma determinada área da sociedade. Além disso, também é importante saber que cada autor pode utilizar símbolos e metáforas na ficção e aplicá-los aos personagens, por este motivo, é interessante que nós entendamos a função e a importância dos personagens dentro da obra. Diante disso, Brait (1985) analisa alguns tipos de personagens, e dentre elas a redonda, que “são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor” (p. 41). Essas personagens “são dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano” (p. 41).

Agora traremos essas considerações para compreender melhor as personagens Offred e Serena Joy e suas ações diante do governo ditador no qual estão inseridas. Como Brait (1985) aponta acima as personagens redondas são complexas em suas atitudes e em suas qualidades. Podemos relacionar essa afirmação às duas personagens analisadas ao longo dessa pesquisa: a protagonista Offred, que é intensa em seus pensamentos, narra tudo o que se passa em Gilead e com os outros personagens, como podemos ver na citação:

Ela conseguia sorrir e chorar ao mesmo tempo, uma ou duas lágrimas escorrendo graciosamente pela face, como se respondendo a uma deixa, enquanto sua voz se elevava às notas mais altas, trêmula, sem nenhum esforço. Foi mais tarde que ela passou a se dedicar a outras coisas. A mulher sentada na minha frente era Serena Joy (ATWOOD, 2017, p. 26).

No trecho acima Offred descreve como é Serena Joy, uma mulher misteriosa que também teve uma vida intelectual antes do governo opressor que agora age em Gilead. Gayatri Spivak discute em seu livro sobre “a voz que a mulher intelectual deveria dar as silenciadas” (2010, p. 126), no caso de Serena Joy, mesmo quando era livre para dar esta voz, ela era uma militante a favor da submissão e do silenciamento das mulheres, não sabendo que com o tempo, o governo de Gilead também calaria a sua voz, como vemos na citação:

[...] Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela mesmo não ficava, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo o bem de todos.

[...] Ela não faz mais discurso. Tornou-se incapaz de falar. Fica em casa, mas isso não parece lhe fazer bem. Como deve estar furiosa agora que suas palavras foram levadas a sério (ATWOOD, 2017, p. 58)

Na citação podemos analisar através das memórias e das observações de Offred, que Serena Joy teve um passado onde havia um espaço para falar e para ser ouvida, mas os usava contra outras mulheres e contra si mesma, seus discursos eram para que as mulheres fossem recatadas e que delimitassem suas funções apenas nos seus lares; ela cantava e advogava em favor da submissão feminina. Com o tempo o governo dos Estados Unidos entrou em um retrocesso político e social, tirando os direitos, principalmente os das mulheres, passando agora a ser a República de Gilead, onde governava com tirania e opressão, e foi assim que Serena Joy, que tanto discursou sobre mulheres serem apenas do lar, que se tornou uma também, foi silenciada e a sua função era a de se submeter ao seu esposo e ao governo, assim como as demais mulheres de Gilead.

Os pensamentos de Offred são intensos e fazem dela, a todo o momento uma personagem essencial no romance, pois dependemos dela para que a história seja contada, já que tudo acontece sob a sua ótica e os seus pensamentos. Nesse contexto, adicionamos as considerações de Brait (1985):

Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos

procura presentificar a personagem, expondo sua interioridade de diminuir a distância entre o escrito e o “vivido”. (BRAIT, 1985, p. 61).

Ao analisarmos a afirmação de Brait notamos que a personagem Offred está inserida na narrativa do *monólogo interior*, assim como também em *memórias*, pois todo o romance é narrado através dos pensamentos e *flashbacks* de Offred. “O monólogo interior é o recurso de caracterização de personagem que vai mais longe na tentativa de expressão da interioridade da personagem” (BRAIT, 1985, p. 62). É através do monólogo que “o leitor se instala, por assim dizer, no fluir dos ‘pensamentos’ do ser fictício, no fluir de sua ‘consciência’.” (BRAIT, 1985, p. 62).

Como Brait aponta, o monólogo interior é um recurso onde possibilita o leitor “entrar” nos pensamentos do personagem, lendo tudo o que ele está pensando. No caso de *O conto da Aia*, Offred nos apresenta Gilead, outros personagens e tudo o que está acontecendo a sua volta, como também nos leva a seu passado relatando tudo o que ocorreu tempos atrás antes de Gilead se tornar um ambiente de prisão e tormenta:

Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido. Mas se for uma história, mesmo em minha cabeça, devo estar contando-a para alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa (ATWOOD, 2017, p. 52).

Nesta citação notamos que se trata dos pensamentos de Offred, ela reflete que não pode falar com alguém e nem escrever, pois atitudes como esta são completamente proibidas na República, sendo assim, Offred crer que os seus pensamentos serão alcançados por outra pessoa, acreditando na alteridade para que possa ser ouvida, pois para legitimar o discurso do “eu” enquanto experiência validada, precisamos do outro.

Através da ótica de Offred também podemos analisar a outra personagem, Serena Joy. Ela, como todas as mulheres do romance, também teve sua liberdade privada, quando lhe foi imposta uma vida limitada e coberta de opressão. Embora no romance a posição social das mulheres dos Comandantes, como Serena Joy, disponha de uma mínima superioridade se comparada à das aias, essa diferença é apenas uma camuflagem da

humilhação e da violência que todas elas passam no decorrer da narrativa, uma vez que não importa em qual nível elas estão, pois para o governo elas são "apenas" mulheres.

Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres.

[...] Você não vê as Esposas de Comandantes nas calçadas. Só em carros (ATWOOD, 2017, p. 35).

Vemos acima, que o governo de Gilead faz questão de separar as mulheres pela sua classe social e suas funções, determinando assim a cor das suas roupas e os tipos de tecidos das quais elas eram feitas. Tal fato já indica o julgamento social, quando 'o maior' menospreza 'o menor'. No romance, as Esposas de Comandante se encontram na maior das posições femininas, porém a elas não eram delegadas nenhuma função.

Offred e Serena Joy são mulheres que se igualam, mesmo em suas diferenças de posição no contexto patriarcal do romance, pois elas sofrem com o mesmo poder tirano que foi dado aos homens do governo e então padecem dos traumas que a submissão e a violência lhes causam.

. Offred é uma aia pronta para ser estuprada e para sua "sorte" procriar, a outra é estéril e é "obrigada" a ser mãe em um país onde isto se tornou praticamente impossível, assim a única chance que lhe resta é ver o seu esposo estuprar uma garota uma vez por mês torcendo para que ela engravide e assim ela tomaria posse da criança, sendo sua mãe de criação. Provavelmente essa diferença entre as duas seja o fato de Serena Joy mostrar a todo o momento que não gosta da presença de Offred e que só a tolera por obrigação: "Quero ver você o mínimo possível, disse ela. Espero que se comporte da mesma forma com relação a mim". (ATWOOD, 2017, p. 25).

Essas duas personagens do romance são mulheres fortes que apesar de todo o conhecimento que têm, são encurraladas pelo poder ditador que agora comanda Gilead. O governo usa vários exemplos para mostrar o que

acontece com quem não obedece a 'lei' sagrada de Gilead, como por exemplo, a exposição ao Muro:

Não faz mal se olharmos. Espera-se que olhemos: é para isso que estão lá, pendurados no Muro. Às vezes ficam lá expostos por dias a fio, até chegar um novo lote, de modo que o maior número possível de pessoas tenha a oportunidade de vê-los. (ATWOOD, 2017, p. 44)

No romance, as pessoas mortas são expostas no Muro e ao lado delas eram colocados cartazes com a imagem da causa pelas quais foram condenadas para que assim sirvam de exemplo para possíveis infratores. Os infratores eram todos aqueles que exercessem ou que incentivassem alguma prática que fosse de encontro às ordens da República de Gilead, como por exemplo, o aborto, este principalmente, já que as dificuldades para engravidar em Gilead eram grandes “[...] Nenhuma mulher de plena posse de suas faculdades mentais, nos dias de hoje, tentaria impedir um nascimento, se tivesse a sorte imensa de conceber.” (ATWOOD, 2017, p. 45).

Neste tópico utilizamos o livro de Brait *A personagem*, para termos uma melhor compreensão das duas personagens analisadas na obra de Atwood, *O Conto da Aia*, Offred e Serena Joy; assim, compreendendo a importância das protagonistas no romance. Vemos a importância da personagem Offred, pois ela descreve tudo o que se passa em Gilead, inclusive o que se passa com Serena Joy outra personagem analisada; no romance ela descreve as ações ocorridas através dos seus pensamentos, já que na República as aias eram proibidas de se expressar. Analisamos as diferenças que as mulheres silenciadas e subalternas de Gilead enfrentam, pois para estas, as classes sociais eram fatores decisivos.

5 REPRESENTAÇÕES DO PODER E DA SUBMISSÃO FEMININA NO CONTO DA AIA

O poder resulta do desejo de manter outro ser submisso. Isso não é algo novo, pelo contrário, se atinou durante muito tempo em vários tipos de relações, inclusive do homem com a mulher. É algo tão arcaico que este tipo de relação já havia sido mencionado em um dos livros mais antigos do mundo, a *Bíblia Sagrada*. Na narrativa de Margaret Atwood, a *Bíblia* se tornará fator importante para o destrinchar da história. A *Bíblia* serve como guia utilizado pelo homem para beneficiar apenas a sua posição masculina diante do discurso cristão “o fanático é incorruptível: assim como mata por uma ideia, pode igualmente morrer por ela; nos dois casos, tirano ou mártir, é um monstro” (CIORAN, 1989, p. 02).

Como afirmam Souza e Mangueira (2018, p. 02) “esta noção presente na cultura patriarcal que está vinculada às mais diversas sociedades, acaba por reforçar uma suposta inferioridade da mulher perante o homem, dando a entender que elas não são capazes de pensar por si mesmas, tampouco de agir com razão”. A relação de poder não é algo novo na literatura e temos exemplos como no conto *O papel de parede amarelo*, que Souza e Mangueira (2018) analisam, como também, o romance de *A cor púrpura*, de Alice Walker, onde observamos a trajetória da personagem Celie, que lida com a opressão, submissão e o poder do homem, desde a sua infância.

Para seu estudo intitulado de *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2012) realizou uma pesquisa com homens e mulheres da Cabília (região da Argélia) para falar sobre a dominação do indivíduo masculino. Nessa pesquisa, Bourdieu tem por intuito nortear a visão da sociedade de que a dominação masculina “não” é um ato natural e intrínseco do homem para com a mulher, mas sim algo que foi adquirido ao longo do tempo através da cultura e de costumes quando diz:

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e,

em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BORDIEU, 2012, p. 17).

Assim, Pierre Bourdieu nos leva a pensar que o homem e a mulher foram “divididos” pelas diferenças naturais que havia em seu corpo, “a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros*” (BORDIEU, 2012, p. 20). Essa divisão se destacou ao longo do tempo através das culturas, principalmente quando o próprio homem começou a designar o que seria do “homem” e o que seria aceito como atitudes adequadas para as mulheres, como ele afirma a seguir:

É a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito, que torna possível esta referência ao mundo que Husserl descrevia com o nome de “atitude natural”, ou de “experiência dóxica” — deixando, porém, de lembrar as condições sociais de sua possibilidade. Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação (BORDIEU, 2012, p. 17).

Além desses apontamentos, Bordieu também afirma que não são apenas as diferenças naturais que existem no homem e na mulher que determinaram essa divisão, mas também as diferenças que foram erguidas ao longo do tempo por hábitos e práticas doutrinárias criadas pelo ser masculino. “O princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça” (BORDIEU, 2012, p. 20). Interligando as teorias levantadas por Bordieu ao nosso objeto de estudo, *O conto da aia*, vemos o quanto as mulheres são presas a estes costumes criados pelos homens; mesmo elas vindo de um passado onde podiam exercer a sua liberdade, retrocedem e agora se deparam a um presente e um regime de poder masculino que as mantém completamente confinadas:

Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. Na quase-escureidão podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não

estavam olhando, e tocar as mãos uma das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras (ATWOOD, 2017, p. 12).

Como podemos ver nesta citação, as aias eram proibidas de falar umas com as outras e não somente entre elas, como também de dirigir palavras a qualquer pessoa em Gilead, a menos que fossem permitidas por seus superiores. Sendo assim, viviam trancafiadas e submissas ao governo e as pessoas que tinham poder, como as Tias⁵, os Olhos, os Guardiões, etc., nesse contexto, cabe comentar que o homem começou a exercer a dominação há muito tempo, fazendo do ser feminino o seu objeto de domínio e colocando a mulher numa função de submissão e obediência. Com o passar do tempo as mulheres foram aceitando essa dominação como algo natural, começaram a acreditar que era o que deveria ser feito, passando a tornar essa “dominação” o modelo do certo e politicamente correto, bem como Bordieu (2012) reitera:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de *reconhecimento*, de submissão (p. 22).

Sendo assim compreendemos que as mulheres entendiam que a dominação era algo moralmente correto. Para Bourdieu (2012) em *A dominação masculina*, o ser feminino acreditava ser originado para ser dominado, devido a sua diferença natural “é por isso que as mulheres podem se alicerçar nos esquemas de percepção dominantes (alto/baixo, duro/mole, reto/curvo, seco/úmido) que as levam a uma representação bastante negativa do próprio sexo” (BORDIEU, 2012, p. 22-23). Como também, a maneira que tinham relações sexuais, os homens faziam deste instante um momento onde podiam dominar e exercer a sua força sobre a mulher, não como um ato de

⁵ As Tias eram as mulheres responsáveis pelo treinamento das aias no Centro Vermelho (local do treinamento), este treinamento ensinava as aias suas funções e como elas deveriam agir nas casas dos Comandantes.

afeto, mas como um ato de poder e predominância sobre o ser dominado, “porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de ‘posse’” (BORDIEU, 2012, p. 29-30).

Todavia, a teórica indiana Gayatri Spivak em seu famoso estudo *Pode o subalterno falar?* (2010) faz uma reflexão sobre as várias camadas da sociedade, onde há os dominadores e os seres que são dominados. Spivak (2010) também defende a ideia de que os intelectuais precisam dar a voz aos silenciados, ou seja, aos subalternos, pois estes não têm o direito de falar, de se expressar e de se posicionar em um ambiente cultural e (principalmente) político. As discussões abordadas por Spivak vão de encontro às do teórico Michel Foucault, que afirma que “as massas sabem perfeitamente bem, claramente” (2010, p. 29). Para Foucault (1987), os subalternos podem por si mesmos conseguirem seus próprios espaços e ter assim sua própria voz, sem precisar que nenhum intelectual intermedie esta comunicação.

Sendo assim, Spivak aponta também em seu livro a teoria de Deleuze que afirma que: “[...] O teórico não representa (fala por) o grupo oprimido. De fato, o sujeito não é visto como uma consciência representativa (uma consciência que ‘re-presenta’ a realidade adequadamente)” (SPIVAK, 2010, p. 32).

Além disso, a partir da leitura de *Pode o subalterno falar?* (2010) podemos discutir a dificuldade de expressão que os silenciados encontraram e encontram ao redor do globo, pois o poder opressor se encarregou de dificultar a vivência e o desenvolvimento social dos mesmos. Devido às dificuldades que os subalternos encontraram no decorrer da sua história, a opressão e a tirania, fez durante muito tempo parte de suas vidas, e ainda podemos ver que esse poder opressor ainda permanece ativo em várias camadas da sociedade contemporânea.

Na introdução do estudo de Spivak, Sandra Almeida defende como fator fundamental a disposição dos intelectuais de “dar à voz” aos subalternos:

Segundo Spivak, a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Para ela, não se pode falar pelo o subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais

o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido (ALMEIDA, 2010, p. 14).⁶

Analisando o romance *O conto da aia*, apontamos que não somente Offred, mas todas as mulheres de Gilead são subalternas, pois as mesmas eram oprimidas, usadas e manipuladas pelo poder que agora era exercido pelo governo, uma vez que “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p.15). As aias eram a classe subalterna “mais obscura”, já que elas eram usadas apenas para procriar, sendo afastadas de suas famílias e forçadas a esquecer o seu passado, como vemos no seguinte trecho:

Aprendi a viver sem uma porção de coisas. Quando temos muitas coisas, dizia Tia Lydia, nos tornamos apegados a este mundo material e nos esquecemos dos valores espirituais. Vocês devem cultivar a pobreza de espírito. Abençoados os mansos. Ela não prosseguiu para não dizer nada a respeito de herdarem a terra (ATWOOD, 2017, p. 79).

Diante disso, indagamos: as aias eram “obrigadas” a esquecer do seu passado, mas quem pode dominar a mente de outro ser humano? Por mais manipulável e suscetível que este indivíduo seja não temos o controle de seus pensamentos. Em Gilead, o governo deseja dominar não só o corpo das mulheres, como também se apropriar dos seus pensamentos. “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 15). No romance de Atwood, Offred é uma das mulheres que não se entrega totalmente à dominação patriarcal; ela entende o que acontece, obedece em partes o que lhe é imposto, mas apenas o faz pelo desejo que tem de viver, embora em seus pensamentos mais íntimos ela não aceitasse a dominação masculina, expressando uma grande vontade de lutar por sua liberdade e pela das mulheres de Gilead.

A pesquisa de Spivak (2010) nos leva a um contexto onde as mulheres subalternas são levadas a esta posição por ser mulher, pela sua raça e também pela classe a qual estão inseridas. “Com respeito à ‘imagem’ da

⁶ Citação retirada do prefácio do livro *Pode o Subalterno falar?* (SPIVAK, 2010).

mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres” (p. 66); uma vez que “as diferenças de raças e de classe estão incluídas nessa acusação. A historiografia subalterna deve confrontar a impossibilidade de tais gestos.” (p. 66).

Entendemos que a mulher subalterna é ainda mais silenciada do que as outras camadas. Ainda de acordo com Spivak (2010) a mulher intelectual pós-colonial deveria dar esse espaço à voz dessas mulheres, uma vez que “o subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definhou” (p. 126), e é justamente “a mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio” (SPIVAK, 2010, p. 126).

Assim, cabe então às mulheres intelectuais abrir o espaço para as mulheres emudecidas. Como vemos em diversos períodos históricos, muitos governos ao redor do mundo têm sido cruéis e ditadores com as mulheres, excluindo direitos e muitas vezes limitando sua participação política, social e cultural no mundo. “A figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso [...]” (SPIVAK, 2010, p. 119); por isso, Spivak relata que o ser feminino foi calado ao longo de sua trajetória não somente pelo governo, mas em suas casas, por suas famílias elas eram impedidas de “ser”. A personagem Offred retrata como sente falta da vida com liberdade que possuía e também de tudo a sua volta: “[eu] a quero de volta. Quero tudo de volta, da maneira como era. Mas não adianta nada, não tem nenhum objetivo, esse querer” (ATWOOD, 2017, p. 149).

Offred sonha com o seu passado desejando viver novamente tudo o que nele havia, pois ela era livre para tomar suas próprias decisões. Em Gilead, Offred perde a sua autonomia, ela é tratada como “objeto” que pertence ao governo; as aias deveriam estar prontas para servir a qualquer momento aos seus Comandantes e as suas Esposas, mas a noite (exceto as noites das Cerimônias) elas estavam “livres”: “[a] noite é minha, meu próprio tempo, pra eu fazer o que quiser, desde que fique quieta. Desde que não me mexa. Desde que fique deitada quieta” (ATWOOD, 2017, p. 49).

A protagonista do romance é dominada pelo governo da República de Gilead, eles não permitiam que as aias, nem mesmo as outras mulheres saíssem sozinhas, Offred não podia e não tinha nada para fazer em suas noites livres, a não ser se dedicar aos seus pensamentos com suas lembranças, pois elas ainda eram tudo o que restavam da sua liberdade do passado. Sendo assim Spivak (2010) afirma que:

A repressão funciona muito bem como uma sentença que desaparece, mas também como uma determinação ao silêncio, uma afirmação de inexistência; e, conseqüentemente, declara que de tudo isso não há nada a ser dito, visto ou conhecido (p. 121).

Posto isto, notamos que a repressão política acontece para calar a voz de parte de uma sociedade, roubando as atitudes e mantendo a inexistência de seres emudecidos. Em *O conto da aia*, todas as mulheres são silenciadas; podemos observar que essas são representadas como a classe subalterna mais inferior e mesmo que cada mulher tivesse a sua função, a posição delas é considerada a pior de todas, pois elas estavam encurraladas entre a tradição e a modernização de Gilead, onde serviam apenas para trazer vida, no entanto não era permitido a elas ter vida.

O romance de Atwood traz a visão de um poder tirano que governa a República de Gilead com violência, levando-nos para uma realidade onde as mulheres perdem a sua identidade e a sua independência.

Pode-se observar através de fatos históricos que a arbitrariedade está presente em várias camadas da sociedade, e em vários tipos de relações, e um dos principais tipos de relacionamento onde a prática de poder predomina é na relação homem/mulher, assim como também na relação do governo com a população, que muitas vezes utiliza de meios persuasivos como agressões psicológicas e corporais ou até mesmo de recursos extremamente violentos, como ocorre nas distopias *Laranja Mecânica* (1962), de Anthony Burgess e *A revolução dos bichos* (1984), de George Orwell. Nas distopias essas ações geralmente fazem as vítimas se tornarem seres submissos e sem oportunidades de expressar suas vontades próprias como ocorrem com o personagem Alex Delarge em *Laranja Mecânica*.

A distopia é negação da utopia, e é colocada nela o exercício do poder opressivo e autoritário de uma sociedade, sendo assim, a violência e o totalitarismo estão inteiramente ligados a antiutopia. *O Conto da Aia* é um romance distópico, que trata em sua escrita a violência executada pelo poder totalitário e fanático do governo de Gilead. Ana Rüsche (2015) afirma em sua tese que:

Dentro do raciocínio, segundo Fredrich Jameson (2005), a dinâmica fundamental de qualquer política utópica será estabelecida, então, na dialética entre a *identidade* e a *diferença*, na medida em que tal política tenha por objetivo imaginar um sistema radicalmente diferente do presente e às vezes, inclusive tenta torná-lo realidade (*apud* JAMESON, 2005, p. xiii).

Nas palavras de Jameson, a distopia serve de base para pensarmos na radicalidade possível do totalitarismo. Nesse contexto, Foucault (1987) declara que o governo totalitário utilizou por muito tempo a pena de morte e a tortura como punição para aqueles que não estivessem de acordo com a sua suposta lei e a sua vontade:

A redução do suplício é uma tendência com raízes na grande transformação de 1760-1840, mas que não chegou ao termo. E podemos dizer que a prática da tortura se fixou por muito tempo- e ainda continua- no sistema penal francês. A guilhotina, a máquina das mortes rápidas e discretas, marcou, na França, nova ética da morte legal. Mas a Revolução logo a revestiu de um grandioso rito teatral (FOUCAULT, 1987, p. 19).

Podemos observar de acordo com o trecho, que em algumas sociedades como a sociedade francesa, o uso da tortura e da pena de morte era comumente utilizado como maneira de disciplinar e punir aqueles que estivessem ou que agissem de forma dessemelhante do sistema implantado; os sujeitos se tornavam reféns desse conjunto de normas altamente agressivas e abusivas.

Posto isso, consideramos que o poder ditador imposto na República de Gilead em *O conto da Aia*, não está preso apenas a uma distopia, pois, além do romance nos conduzir para um possível futuro não tão distante ele nos leva a um passado onde se sucederam inúmeros acontecimentos violentos.

Vemos então, que essas duas classes, a masculina e a cristã, acabam por se igualarem de forma autoritária e despótica sobre a mulher; ela será o principal alvo deste poderio, sendo impedida de utilizar sua liberdade. *O conto da Aia* paradoxalmente nos envia de volta a um passado em que diversas mulheres já tiveram que enfrentar momentos tenebrosos; durante anos muitas delas lutaram contra essa realidade, para poder dia após dia, conquistar o espaço que é seu por direito. Esse romance de Margaret Atwood nos faz ver um amanhã que aparentemente pode ser distante, mas, sobretudo focando na conjuntura política atual dos Estados Unidos, espaço onde se passa a narrativa, notamos que essa antiutopia, não é algo tão longe dos nossos olhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Margareth Atwood nos apresenta através de suas personagens femininas as principais formas de submissão. Através da ótica de Offred temos acesso a uma distopia onde as mulheres perdem toda a sua liberdade e ao mesmo tempo leva o leitor de volta a um passado onde a violência era intensa, principalmente a praticada contra as mulheres; por este motivo elas lutaram para conseguir a sua liberdade, mas na obra que analisamos toda essa liberdade lhes foi negada de maneira violenta e opressora.

Sendo assim, este artigo teve como objetivo destacar a vivência da mulher em uma distopia, trazendo o monólogo interior da protagonista Offred que relata o poder que os homens de Gilead exercem sobre as mulheres. Com isto, temos a representação da submissão dessa personagem bem como na personagem Serena Joy, mesmo que as duas personagens se encontrem em camadas sociais diferentes.

Os estudos de Foucault, Bordieu e Spivak foram essenciais para a construção deste trabalho, pois os mesmos abordam de maneiras diferentes relações de poder que foram exercidas na sociedade. A partir desses estudos, analisamos também quais são as principais camadas que este totalitarismo atuou.

Podemos assim concluir que a autora deu voz a uma silenciada, uma mulher que não podia falar nem se expressar devido à interferência de um governo ditador que regulava seus direitos. Offred era uma mulher submissa e foi entregue à violência, porém não deixava de lutar, mesmo que esta luta estivesse em maior parte nos seus pensamentos. Atwood nos dá acesso aos pensamentos de Offred, dando ao leitor a oportunidade de “ver”, “ouvir” e “pensar” como a personagem protagonista, assim podemos compreendê-la de maneira mais íntima. Ao olharmos para a vida de Offred e Serena Joy e para situação política de Gilead, notamos que o cenário não é algo tão distópico da nossa realidade, o que faz o leitor se identificar ainda mais com o romance e assim, desejar lutar por um futuro diferente que este narrado em *O Conto da Aia*.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de; CORDEIRO, Veridiana Domingos. A Teoria Da História Em Walter Benjamin: Uma Construção Entre “História E Coleccionismo: Eduard Fuchs” E As “Teses Sobre O Conceito De História”. **Revista de Teoria da História**, Goiás- Mg, v. 10, n. 5, p.1-23, 23 dez. 2013.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 335 p. Tradução de Lúcio Cardoso.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 257 p.

BOURDIEU, Pierre; Tradução: Maria Helena Kühner. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Atica, 1985. 29 f. (Princípios).

CIORAN, Emil M. **Breviário de Decomposição: Genealogia do fanatismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COSTA, Eloísa Barbosa da; DALBOSCO, Cléber Nelson. The Handmaid's Tale: sobre mulheres e suas histórias?.In: **Congresso de ciências da comunicação na região sul, 19º, 2018, Cascavel**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Paraná: Intercom, 2018. p. 1 – 15.

EWALD, Felipe Grüne. Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. In: dossiê: oralidade, memória e escrita. n. 02. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre-RS: Nau Literária, 2008. v. 04, p. 1 – 8.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 27.ed. Petrópolis: Vozes,1987.

_____,Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Ed. São Paulo: Graal, 1998.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia Da Pesquisa: Um Guia Prático**. Itabuna/ Bahia: Via Litterarum, 2010. 88 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. 212 p.

OLIVEIRA, Anderson Rodrigo de. **A Genealogia Da Moral De Nietzsche**: Resenha da obra de Friedrich Wilhelm Nietzsche, valores morais, estudo da palavra bom e da palavra mau, genealogia... 2019. O texto publicado foi encaminhado por um usuário do Brasil Escola, através do canal colaborativo Meu Artigo. Disponível em:<<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-genealogia-moral-nietzsche.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

JAMESON, Frederick. In: RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em *The leftHandofDarknesse The Handmaid's Tale***.2015. 139 f. Cap. 1. Tese de Doutorado - Curso de Letras, Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2015.

SOUZA, Giovane Alves; MANGUEIRA, José Vilian. **Relações de poder no matrimônio em “O Papel de Parede Amarelo”, de Charlotte Perkins Gilman**. XIII Conages, 2018.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ufmg, 2010. 126 p.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicações dos direitos das mulheres**. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: Edipro, 2015.